

A formação de docentes de ELE: falas sobre o trabalho do professor formador

Talita de Assis Barreto (UERJ, UFF, PUC-Rio)

Considerações iniciais

Este trabalho apresenta nossa pesquisa de doutorado¹ que enfoca a atividade de trabalho do professor formador de docentes de E/LE (PFP-E/LE). Estabelecemos os seguintes objetivos para a investigação: (a) analisar, a partir das falas dos professores, como os próprios PFP-E/LE compreendem seu trabalho; (b) contribuir com reflexões que possibilitem uma maior visibilidade sobre esse trabalho bem como apontar aspectos que precisem ser discutidos sobre a formação em nível de bacharelado e licenciatura nos cursos de Letras, habilitação Português/Espanhol, no Estado do Rio de Janeiro.

Como forma de organizar este texto, na primeira seção, tecemos algumas considerações sobre o marco teórico. Em seguida, apresentamos brevemente a metodologia seguida; na seção seguinte, procedemos a um recorte da análise realizada e, finalmente, fazemos algumas considerações finais.

1. Linguagem e trabalho

1. A concepção dialógica de linguagem

Tendo em vista o objetivo de criar um espaço para que o professor pudesse inscrever a sua voz assim como permitir recuperar tantas outras vozes que circulam circunscritas em seu discurso visando a tornar a atividade do PFP-E/LE objeto de discurso, o pressuposto teórico que sustenta o trabalho compreende que o enunciado está constantemente atravessado por vozes alheias. Tem-se como princípio, portanto, a noção de dialogismo (BAKHTIN, 2003), que sintetiza a idéia de que o sentido se tece em conjunto, estabelecendo elos entre as distintas vozes

¹ Remete-se à leitura Barreto (2010) para aprofundamento das informações apresentadas. Tese orientada por Consuelo Alfaro (UFRJ) e co-orientada por Del Carmen Daher (UFF), desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

presentes no enunciado, vozes estas que têm seu grau de explicitação variável de uma menor ou maior identificação.

O enunciado, de acordo com a perspectiva bakhtiniana, não é visto como apresentando um sentido estável, predeterminado pelo locutor. O enunciado possui um valor pragmático visto que se estabelece uma relação de alternância entre os sujeitos do discurso e, nessa relação e na história em que ela se situa, os sentidos são construídos. Assumir a abordagem dialógica da linguagem significa, por conseguinte, rechaçar a idéia de um ouvinte passivo, visto que este não corresponde ao participante “real” da comunicação discursiva.

O sujeito, para expressar-se, considera a reação de seu destinatário ao que se lhe está sendo dito e isso influencia sua fala. Assim, reconhece-se que “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2003, p. 265).

2. Categoria de análise linguística

As falas produzidas pela comunidade dialógica da pesquisa permitem identificar a ocorrência freqüente de um posicionamento marcado discursivamente pela negação. Evidenciou-se, portanto, a menção a determinados discursos que são trazidos por vozes outras que não as dos locutores responsáveis pelas falas analisadas por meio da negação.

Em sua teoria polifônica da enunciação, Ducrot (1987) descreve os fenômenos da ironia e da negação para apresentar as noções de enunciador e de locutor. Para este trabalho, interessa particularmente o segundo fenômeno mencionado, que ele denomina de marcas de negação.

O autor distingue locutor e enunciador, propondo que o locutor L, ao assumir determinada asserção negativa, traz à cena um enunciador E_1 que afirma algo ao qual um enunciador E_2 se contrapõe. Este E_2 normalmente é correspondente ao locutor.

De acordo com Ducrot, E_1 e E_2 defendem opiniões contrárias sobre o mesmo tema, em que uma é positiva e a outra é a refutação desta. Esses “pontos de vista opostos” estariam presentes na maioria dos enunciados negativos, em que,

obedecendo a uma lei de discurso geral, “toda vez que se diz algo, imagina-se alguém que pensaria o contrário e ao qual se opõe” (DUCROT, 1987, p. 202).

3. A perspectiva ergológica

A abordagem ergológica nasce no início dos anos 1980 a partir de pesquisas de uma equipe universitária pluridisciplinar², movida pelas reflexões do filósofo francês Yves Schwartz, que se debruça sobre questões relacionadas ao trabalho, imbuída do desejo de conhecer esse trabalho que se modifica e que modifica os trabalhadores. Desenvolve-se, dessa forma, um modo de encaminhamento para discutir a atividade humana de trabalho: a Ergologia (SCHWARTZ, 2007).

Sob essa perspectiva, a abordagem sobre o trabalho requer um diálogo constante entre protagonistas do trabalho e pesquisadores de distintas áreas em todas as esferas da sociedade. Assim, volta-se o olhar para pensar as mudanças no trabalho por meio do diálogo entre os conceitos e os saberes da experiência e toma-se como objeto a conceitualização do trabalho do outro (SCHWARTZ, 1997).

De acordo com Schwartz (2007), a Ergologia coloca os trabalhadores no centro da produção de saberes sobre o trabalho, fundamentando-se na negociação entre saberes, atividades e valores:

Para compreender o trabalho, os saberes disciplinares são necessários, mas é com aqueles que trabalham que se validará conjuntamente o que podemos dizer da situação que eles vivem. (...) é preciso ver como retificar e reaprender nessa espécie de vaivém entre a experiência e os conceitos, reaprender o que são as mudanças reais. (SCHWARTZ, 2007, p. 36)

Nesse sentido, é importante destacar a proposição do dispositivo de três pólos: o primeiro é o pólo das disciplinas acadêmicas, com seus métodos, conceitos e formulações; o segundo é o do conhecimento produzido pela experiência dos trabalhadores que constroem saberes investidos nas ações e respostas às prescrições. O terceiro e último pólo é o da disciplina ergológica, com suas exigências éticas e epistemológicas no que diz respeito à análise da atividade de trabalho (SCHWARTZ, 2007).

² Tal equipe, integrada também pelo lingüista Daniel Faïta e pelo sociólogo Bernard Vuillon, forma o “APST” (Análise Pluridisciplinar das Situações de Trabalho), no seio da Universidade de Provence, e, mais tarde, em 1999, o Departamento de Ergologia – APST.

De acordo com a concepção ergológica, há dois segmentos relativos ao trabalho: um primeiro em que se encaixam aqueles que o determinam, indicando o que se deve fazer e outro que engloba os que executam as tarefas determinadas. A Ergologia deve ser considerada uma disciplina do pensar, pois é um conjunto de normas de produção de saberes a respeito da atividade humana que, no caso específico deste estudo, contribui para pensar o trabalho do PFP-E/LE a partir de suas falas, levando-se em conta a experiência de trabalho dos próprios trabalhadores.

Partindo dos conceitos teóricos da Ergonomia Situada, Schwartz (1997) propõe uma abordagem ergológica que nasce do esforço por produzir conhecimento sobre o trabalho, estabelecendo um diálogo entre as disciplinas científicas e as atividades industriais.

Nessa abordagem, a ideia de trabalho prescrito e real é ampliada para os conceitos de **normas antecedentes** e **renormalizações**. Essas normas abarcam os conhecimentos científicos e técnicos que se constituem em procedimentos, regras de uso e também codificações organizacionais ligadas às redes de poder e autoridade.

Assim sendo, a proposta é de uma nova abordagem do objeto trabalho. De acordo com Schwartz, deve-se pensá-lo como um objeto denso e não como se fosse algo óbvio ou transparente, sobre o qual não há necessidade de uma abordagem em profundidade. O trabalho deve ser encarado como algo novo, que exige aprendizagem e reflexão. A atividade está intimamente relacionada ao indivíduo que a realiza sendo, portanto, inevitável que ocorram tais (re)singularizações por parte de cada trabalhador. Realiza-se o esperado, mas de forma particular ao momento vivenciado pelo trabalhador.

2. Aspectos metodológicos

1. A comunidade dialógica de pesquisa

O conceito de comunidade dialógica de pesquisa alicerça a metodologia deste estudo. Por basear-se na abordagem ergológica do trabalho, admiti-se que a atividade não se deixa apreender. Para que ela esteja no centro da pesquisa como elemento de discussão almejado por um grupo reunido em torno a um objetivo

comum, os protagonistas do trabalho são convocados a contribuírem com reflexões sobre aspectos da atividade que lhes parecem relevantes para a compreensão do seu trabalho.

A comunidade dialógica de pesquisa é um conceito criado para distinguir um coletivo de pesquisa no qual se adota um posicionamento epistemológico que considera a historicidade das palavras no meio, no espaço e no tempo em que determinada pesquisa se desenvolve (FRANÇA, 2002).

2. Apresentação dos protagonistas do trabalho

Foram entrevistados 6 (seis) PFP-E/LE. Estão representadas IES públicas e privadas que atuam com a formação de docentes de E/LE no Estado do Rio de Janeiro. Outro elemento relevante foi contemplar PFP-E/LE com distinto tempo de experiência na atividade e diferente titulação acadêmica porque se acredita que, dessa forma, são apreciadas diferentes perspectivas e realidades sobre o trabalho do PFP-E/LE.

Quanto aos professores de espanhol no ensino básico (PEB-E/LE), foram entrevistados 4 (quatro) professores. Seguiram-se os seguintes critérios para sua seleção: formados em diferentes IES, ano de formação em época diferenciada – para tentar um recorte por período de formação – e com diferente titulação – professores que possuem apenas a graduação, outro cursou a especialização e outro se encontra ainda cursando o mestrado.

3. A entrevista

Ao adotar-se tanto a entrevista como o fórum sob uma perspectiva dialógica da linguagem, reconhece-se ser impossível considerá-los como pura revelação de uma verdade. A entrevista, bem como o fórum, visava à construção de um texto que retomasse situações de enunciação anteriores (DAHER; SANT'ANNA; ROCHA, 2004).

Recorreu-se à perspectiva teórico-metodológica de Daher (1998) quanto aos critérios para constituição da materialidade discursiva. A entrevista, dessa forma, é entendida como um instrumento que possibilita uma aproximação aos saberes da experiência e da formação de determinado coletivo. Para tanto, faz-se imprescindível “colocar em palavras” a voz do outro.

A entrevista, portanto, é um passo metodológico importante que visa à posterior promoção do fórum. Provocar a discussão a partir de suas próprias falas e das falas do outro, representado aqui pela voz do PEB-E/LE, serviu como ponto de sustentação da opção metodológica e do objetivo central deste estudo, estabelecendo, dessa forma, o espaço discursivo de análise proposto.

Delimitam-se os seguintes blocos temáticos: a) a formação do PFP-E/LE; b) o trabalho do PFP-E/LE; c) a formação dos docentes de E/LE e o mercado de trabalho.

4. O fórum de discussão

O fórum de discussão cumpre o papel de servir como um espaço construído pelos protagonistas do trabalho que se reúnem em torno ao objetivo comum de discutir sua atividade. Como discussão em grupo, conduz o sujeito a um espaço para trocas sobre temas que circulam pela comunidade acadêmica.

Para o desenvolvimento da pesquisa, constitui-se uma demanda por parte dos PFP-E/LE envolvidos porque eles mesmos trazem as questões a serem debatidas pela comunidade dialógica, questões estas pontuadas nas falas produzidas no decorrer das entrevistas. Elaboram-se o roteiro para o fórum, considerando aquilo que os PFP-E/LE querem discutir, a partir de fragmentos das falas. São selecionados, das entrevistas, 10 (dez) fragmentos que abordam temas recorrentes, tanto dos PFP-E/LE quanto dos PEB-E/LE.

O fórum atua como uma forma de resgate de discursos acerca da atividade do PFP-E/LE, trazendo para essa discussão o ponto de vista do próprio PFP-E/LE, as vozes daqueles que passaram pelos bancos das universidades e vivenciaram o outro lugar, ou seja, o do indivíduo em formação que participa dessa atividade como aluno de Letras, habilitação Português/Espanhol (AL-E/LE), e, também, os recortes estabelecidos pela pesquisadora.

3. Falas sobre o trabalho do PFP-E/LE

As entrevistas e o fórum de discussão conduzem a esta etapa da pesquisa que constitui um quadro analítico sobre o trabalho do PFP-E/LE com base na pergunta que norteia esta investigação: que discursos o PFP-E/LE produz sobre sua atividade

de trabalho? Pelo limites expostos por este texto, apresentamos apenas algumas conclusões a partir da análise feita.

Vários foram os elementos discutidos ao longo do fórum. Alguns enunciados trouxeram, por meio da negação, afirmações subjacentes que são significativas para a compreensão do trabalho do PFP-E/LE. Identificamos vozes responsáveis por determinados discursos que circulam sobre o PFP-E/LE, as dos próprios PFP-E/LE, dos PEB-E/LE, da universidade, da sociedade em geral e do governo. Destacamos apenas alguns desses elementos.

Identificamos um enunciador que assume um conceito de língua e ensino de língua ainda impregnado pela visão tradicional de língua, que faz com que o trabalho do PFP-E/LE esteja direcionado principalmente para o ensino de normas gramaticais. Percebe-se a força que determinadas teorias exerceram e continuam exercendo no meio acadêmico e o agregamento de outras. Destaca-se a necessidade de os cursos de Letras se compreenderem e assumirem como formadores de profissionais que têm na linguagem seu foco de estudo, tendo, portanto, que disseminar junto a seus alunos a importância desses estudos.

Segundo alguns dos PFP-E/LE, ainda há uma formação idealizada, que não leva em conta a situação concreta das escolas, principalmente as públicas. Entende-se que cabe aos PFP-E/LE uma mudança desse quadro. Os PFP-E/LE reconhecem, entretanto, a impossibilidade de resolução de todos os problemas encontrados pelo PEB-E/LE, uma vez que, por mais que a formação tente prever a atividade, ela é algo único, que depende do momento específico de sua concretização por parte do trabalhador para ser (re)singularizada.

Ainda em relação ao curso de Letras, direciona-se o foco para a forma como a organização dos conteúdos no currículo do curso de Letras não atende às necessidades da formação de professores, uma vez que a própria organização do curso a partir do esquema de 4 + 1 demonstra a fragmentação que ocorre nessa formação. Teoria e prática são indissociáveis e é o senso comum que faz essa divisão. Os saberes antecedentes e os da experiência se encontram no debate de normas como algo intrínseco à concretização da atividade. É imperativo, portanto, o engajamento por parte dos PFP-E/LE para que a formação docente assuma seu papel de preparar o indivíduo profissionalmente.

Coloca-se em foco o reconhecimento das faces ocultas do ofício do PFP-E/LE e no fato de seu trabalho ser incessante. A necessidade de integração entre o trabalho desenvolvido pelos PFP-E/LE é ponto de discussão. O diálogo entre eles é requerido como elemento fundamental para o desenvolvimento do corpo discente, das aulas ministradas e da compreensão de como se estrutura o curso de formação de professores de E/LE.

Relativas às normas que antecedem ao trabalho do PFP-E/LE, várias são as atribuições prescritas aos docentes no desempenho da profissão que ultrapassam esse espaço: planejamento de aulas e provas, correção de trabalhos, envolvimento do docente com pesquisa e extensão – no que se refere às universidades públicas e confessionais – participação em eventos acadêmicos e reuniões departamentais, cursos de aperfeiçoamento, participação em bancas de concursos ou de defesa de dissertações e teses, no caso de PFP-E/LE envolvidos em programas de pós-graduação, entre outras.

Durante o fórum foram delimitadas algumas das tarefas atribuídas aos PFP-E/LE que, muitas vezes, ou não são devidamente valorizadas ou sequer são notadas. Elencam-se algumas delas, considerando que a análise proposta realizou um recorte no universo apresentado pelas falas produzidas pelos PFP-E/LE.

A orientação de bolsistas de variadas modalidades de bolsas e sua importância na formação dos alunos é um ponto que merece destaque a partir das falas dos PFP-E/LE. O papel do PFP-E/LE orientador é o de auxiliar o bolsista em sua prática docente que, por estar inserido no contexto de um projeto de extensão, está vinculado a uma iniciativa de ordem social. Isso, além de colaborar para a formação dos AL-E/LE, traz valiosas contribuições para a sociedade de modo geral. Embora não seja um trabalho muito valorizado, já que, resgatando a fala de uma das PFP-E/LE, dá um “trabalho enorme”, cabe ao PFP-E/LE esclarecer ao corpo discente sobre a importância dessa experiência para a sua formação. Essa é uma oportunidade que o aluno tem de aproximar-se de situações de trabalho, mudando positivamente sua relação com a aprendizagem.

Identifica-se também um enunciador que compreende o trabalho do PFP-E/LE como restrito a oito tempos semanais, tendo, assim, condições de trabalho infinitamente superiores que os demais docentes. Em oposição a essa visão estereotipada do trabalho do professor universitário, a comunidade dialógica aponta

o trabalho do PFP-E/LE como algo contínuo, que consumiria todo o tempo diário do trabalhador, não restrito às 40 horas semanais. Dessa forma, ao trabalho de orientação de bolsistas, às aulas ministradas, à orientação e desenvolvimento de pesquisas são conjugadas outras atividades que também poderiam ser consideradas atividades que ninguém vê, a saber: as tarefas administrativas, que gradativamente vão sendo acumuladas e acrescentadas ao conjunto de outras tarefas do PFP-E/LE, tais como participação em comissões e colegiados, elaboração de pareceres, preparação dos alunos para a apresentação de trabalhos em eventos e para publicações, coordenação de setor, os pedidos de vagas para as carências do setor, comprovação de publicações realizadas e, ainda, preenchimentos de relatórios e documentos que antes estavam sob a responsabilidade de funcionários administrativos.

Considerações finais

A partir da análise das falas, pode-se afirmar que o espaço de discussão provocado possibilitou ao PFP-E/LE esse momento de reflexão sobre as atividades desenvolvidas no cotidiano profissional, que vão além da sala de aula que, geralmente, é a atividade que mais sobressai entre as demais. O coletivo é valorizado tanto para o debate instaurado como para que se veja uma possibilidade de mudanças positivas no funcionamento e na estrutura dos cursos de Letras.

O PFP-E/LE acumula uma série de tarefas que deve cumprir para que seu trabalho seja bem desenvolvido. Assim, há uma parte oculta de seu trabalho que nosso estudo contribui para revelar por meio das falas dos próprios protagonistas do trabalho. Espera-se que as reflexões propostas fomentem a discussão acerca da atividade de trabalho do PFP-E/LE. Sendo assim, as vozes representadas poderão travar diálogo com outras vozes que porventura se levantem para dar continuidade aos estudos voltados para a compreensão da atividade do PFP-E/LE.

REFERENCIAS

- BAKHTIN, M. (2003) *A estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BARRETO, T. A. *O professor formador de docentes de E/LE: discursos sobre o trabalho* (2010). 229 f. Tese (Doutorado em Letras Neolatinas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro.

DAHER, D.C. (1998) Quando informar é gerenciar conflitos: a entrevista como estratégia metodológica. *The Specialist*, São Paulo, v. 19, p. 287-304.

_____; SANT'ANNA, V.L.; ROCHA, D. (2004) A entrevista em situação de pesquisa acadêmica: reflexões numa perspectiva discursiva. *Polifonia* (Cuiabá), v. 8.

DUCROT, O. (1987) *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes.

FRANÇA, M.B. (2002) *Uma comunidade dialógica de pesquisa - Atividade e movimentação discursiva nas situações de trabalho de recepcionistas de guichê hospitalar*. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem) – PUC-SP, São Paulo.

SCHWARTZ, Y. (1997) *Reconnaissances du travail – Pour un approche ergologique*. Paris: PUF.

_____. Trabalho e Ergologia. In: _____; DURRIVE, L. (orgs.) (2007) *Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Niterói, EdUFF.